

CAMILLA
GREBE

AUTORA VENCEDORA DO GLASS KEY AWARD

O ESCONDERIJO

TOP
SEL
LER

«Camilla Grebe consolida a sua posição
no topo da ficção policial escandinava.»

ANDERS DE LA MOTTE

Prólogo

Manfred

Éramos uma família comum. A manhã, como qualquer outra.

Daquelas que não esperamos recordar. Um dos muitos dias insignificantes a que não atribuímos importância, pois acreditamos que não farão grande diferença na nossa vida. Apenas mais um dia para enfrentar, para atravessar. Para gerir e levar a cabo, como um formulário a preencher e enviar antes das cinco da tarde.

A Afsaneh levantou-se primeiro para dar o biberão à Nadja.

Ouvi os seus passos: leves, quase hesitantes, enquanto deslizava pelo corredor em direção à cozinha. Como se caminhasse sobre gelo fino. Depois, o tilintar dos objetos, a água a jorrar da torneira e o som surdo da panela pousada no fogão. Por fim, o ritmo cadenciado do metal a raspar contra metal enquanto ela misturava a fórmula na água.

Do meu lugar na cama, ainda quente do corpo da Afsaneh, ouvia os queixumes e a tosse da Nadja, que vinham do quarto ao lado.

Os sons de uma família perfeitamente comum: os de uma mulher, a minha jovem mulher, talvez demasiado jovem — havia quem assim o achasse, pelo menos — e os da minha filha. E o silêncio deixado pelos meus três filhos mais velhos, que já tinham saído de casa, e pela minha ex-mulher, que partira numa

manhã de primavera não muito diferente dessa, com uma mala tão pesada que nunca a teria conseguido carregar se não estivesse tão furiosa.

No entanto, naquele momento, não pensava em nada disso, deitado na cama, ainda entorpecido pelos sonhos da noite, envolto no calor dos lençóis. É apenas em retrospectiva que estes pequenos acontecimentos adquirem peso e se tornam significativos.

Só depois é que todas as trivialidades de uma vida crescem, ganham dentes e nos perseguem pela noite dentro.

Era apenas mais uma manhã igual a tantas outras. Além disso, era a terceira constipação da Nadja em três semanas, e tanto eu como a Afsaneh estávamos exaustos de acordar a meio da noite para confortarmos a nossa querida, mas teimosa, filha de 2 anos.

Dizíamos na brincadeira que a Nadja voltava a ser um bebé sempre que se constipava. E a Afsaneh costumava dizer que eu só me podia culpar a mim por ter decidido recomeçar tudo outra vez com outro filho e o que isso implicava já depois dos 50.

A Afsaneh entreabriu a porta do quarto.

Trazia a Nadja ao colo e, ao dobrar ligeiramente os joelhos para a segurar melhor, o seu roupão deslizou, deixando um dos seios a descoberto, aqueles belos seios que, contra todas as probabilidades, tinham passado a ser meus.

Perguntou-me se eu podia ficar em casa com a bebé naquele dia. Eu expliquei que precisava de passar pela esquadra, ainda que não demorasse.

A esquadra era a sede da polícia em Kungsholmen, em Estocolmo. O sítio onde trabalho há mais de vinte anos, um trabalho de cão. O local onde investigo homicídios e outros crimes graves. Onde lido com o pior da humanidade, as versões mais repugnantes do comportamento humano com que o resto da população não precisa de se preocupar.

Como é que podia achar que isso era assim tão importante?

Que se matem uns aos outros, penso. Que se violem e se espanquem. Que as drogas entrem aos montes e que os subúrbios

ardam como fogo de artifício pela noite dentro. Mas deixem-me fora dessa merda toda.

Lembro-me de a Afsaneh franzir o sobrolho quando lhe disse que tinha de trabalhar. Fez-me ver que era Dia da Ascensão, um feriado, e perguntou-me o que havia de tão urgente para fazer. Depois, com paciência, explicou que tinha combinado encontrar-se com um dos seus alunos de doutoramento, coisa que já me dissera duas vezes durante o jantar na véspera.

Continuámos assim por um bocado.

Discutimos sobre quem ficaria em casa, como se isso tivesse qualquer importância. Discutimos daquela forma irrefletida e cansativa, como imagino que a maioria das famílias faça em manhãs perfeitamente banais, num país seguro e próspero como a Suécia.

Depois de a Afsaneh sair para ir ter com o aluno, e de a Nadja se deitar ao meu lado na nossa cama larga, encostando o seu pequeno nariz entupido à minha cara, acabou por parecer-me que, afinal, estava tudo bem. Porque é que tinha de ir à esquadra? Os mortos podiam esperar mais um dia, e a maior parte dos meus colegas estava de folga, de qualquer maneira.

Não me lembro ao certo, mas acho que passei a manhã a arrumar o apartamento. O joelho doía-me imenso, por isso tomei dois anti-inflamatórios. Talvez tenha fumado um ou dois cigarros debaixo do exaustor. A Nadja via televisão, e eu tive de aumentar o volume para abafar o barulho das obras na Karlavägen.

A minha filha mais velha, Alba, ligou-me de Paris para pedir dinheiro emprestado. Expliquei-lhe, com calma, mas firmeza, que teria de falar com a mãe, pois já lhe tinha enviado três mil extra ao longo do mês. Além disso, os irmãos, Alexander e Stella, não tinham recebido nada. E é importante ser justo, não é?

Justo... que conceito estranho, em retrospectiva.

A certa altura, a Nadja fartou-se da televisão. Chorou e chorou, e eu andei com ela ao colo pela casa, numa tentativa inútil de a acalmar. O seu pequeno corpo estava a escaldar, por isso dei-lhe

um paracetamol, apesar de a Afsaneh não gostar que eu o fizesse — outro motivo frequente para as nossas discussões. A Afsaneh achava que crianças pequenas não deviam tomar medicamentos, a não ser que estivessem à beira da morte.

Talvez tenha sido o antipirético a acalmá-la, talvez tenha sido a sanduíche que lhe preparei. Ou talvez tenha sido o barulho das obras lá fora que finalmente conseguiu distraí-la.

Peguei nela e sentei-a no parapeito da janela da sala, e ela ficou ali durante muito tempo, aparentemente fascinada pela escavadora que ia rasgando a estrada, três andares abaixo, enquanto lambia a manteiga do pão e o ranho do lábio superior com a sua pequena língua pontiaguda. Conversámos sobre escavadoras, carros, camiões e motas. Sobre todo o tipo de veículos.

A Nadja gostava de tudo o que tivesse motor e fizesse barulho — eu e a Afsaneh reparámos nisso quando ela era muito pequena.

Deve ter sido por essa altura que a Afsaneh ligou do café.

Pousei a Nadja no chão, entre protestos ruidosos, e fui para o corredor para falar com mais calma, uma vez que o barulho das obras fazia vibrar toda a casa.

A Afsaneh perguntou como estava a Nadja, e eu disse que parecia bem, que tinha comido uma sanduíche e que, se estava a comer e a beber, não devia ser nada de grave.

Não mencionei o paracetamol, naturalmente.

Mal desligámos, senti de imediato que algo estava errado. Como se o ar se tivesse tornado mais denso, pressionando-me, um aviso tátil de que o perigo se aproximava.

Um momento depois, reparei que, na verdade, estava a reagir à *ausência* de qualquer coisa.

Só ouvi silêncio.

Aparentemente, os trabalhadores teriam feito uma pausa, e a única coisa que ouvia era a minha própria respiração.

Fui até à sala para procurar a Nadja, mas estava tão vazia quanto o seu biberão, que jazia no chão, no meio de uma poça de sumo, ao lado da pilha de brinquedos que ela espalhara durante a manhã.

Talvez tenha sido então que a minha preocupação despertou, esse instinto primitivo que todos possuímos, o impulso de proteger os nossos filhos de qualquer perigo.

Depois, fui ofuscado por um raio de Sol, uma linha de luz intensa que não devia estar ali, pelo simples facto de as janelas da sala só apanharem sombra.

Virei-me para a luz, semicerrando os olhos, e olhei para a cozinha. A janela estava aberta, e o sol refletia-se no vidro.

De repente, tudo ficou claro: a Afsaneh tinha lavado as janelas da cozinha no dia anterior. Devia ter-se esquecido de pôr a tranca de segurança. Mas a Nadja não podia ter subido e aberto a janela... E, além disso, *por que razão* o faria?

No instante em que formulei a pergunta para mim mesmo, soube a resposta: a escavadora, a maldita escavadora.

Corri para a janela aberta.

Corri, porque era a única coisa que podia fazer. Corri, porque tinha de ser, porque não havia outra escolha. Não se pode deixar um filho cair, morrer. Se há uma única coisa na vida que não se pode fazer, é essa.

Tudo o resto é perdoável.

Lá fora, os raios de Sol brincavam no verde translúcido das árvores e, lá em baixo, os trabalhadores estavam imóveis, a olhar para mim com olhos vazios. Alguns correram na direção do nosso prédio com os braços estendidos.

A Nadja pendia do parapeito da janela, e o mais estranho é que estava completamente silenciosa, tal como já ouvi dizer que ficam as crianças que se afogam.

Os seus pequenos dedos agarravam-se, e eu atirei-me para ela porque é isso que se faz. Atiramo-nos pelos nossos filhos, atravessamos o fogo e a água.

Fazemos tudo o que podemos e um pouco mais.

E agarrei-a, estendi-me e senti os seus dedos gordurosos a deslizar devagar da minha mão. Escorregaram do meu aperto como um pedaço de sabão.

Ela caiu.

A minha filha caiu, e eu não consegui impedi-lo.

Bastava-me ter chegado um segundo mais cedo, um único passo mais perto enquanto o tempo parecia suspenso e o rugido do silêncio ecoava nos meus ouvidos.

Noutra vida, numa existência paralela, talvez tivesse conseguido salvá-la.

Mas a *minha* filha caiu.

Caiu do terceiro andar para a rua, e eu não pude fazer nada para o impedir.

Éramos apenas uma família normal.

Era uma manhã igual a tantas outras, mas, depois disso, nada voltou a ser o mesmo.

PARTE I

A Fuga

«Anda! Vai à Nínive, a grande cidade, e avisa os seus habitantes de que eu tenho conhecimento do mal que têm feito.» Mas Jonas decidiu fugir para longe de Deus, indo para Társis.»

Jonas 1:2–3

Samuel

Demorei exatamente dez dias a dar cabo da minha vida.

Estou a olhar pela janela.

Do meu quarto, vejo um parque de estacionamento e, para lá dele, os contornos do Hospital de Långbro — um antigo hospital psiquiátrico que foi convertido em apartamentos de luxo.

Neste momento, nuvens escuras acumulam-se sobre os edifícios. A folhagem de um verde-pálido contrasta com as nuvens violeta. A relva cresce viçosa à volta do parque de estacionamento, mas ainda está um frio do caraças, apesar de ser 11 de junho.

Ouçó a minha mãe a limpar a cozinha.

Ela é tão irritante. E não digo só por estar sempre a chatear-me para fazer coisas — arranjar um trabalho, ir ao centro de emprego, pôr a loiça na máquina, tirar a loiça da máquina e um blá-blá-blá interminável —, mas porque se preocupa demasiado. E essa preocupação corrói-me, faz-me sentir comichão no corpo todo, como se tivesse formigas minúsculas a rastejar-me debaixo da pele.

Parece que não lhe entra na cabeça que já sou adulto.

Fiz 18 anos há um mês, mas ainda anda sempre atrás de mim como uma galinha, a querer saber todos os meus passos.

Como se eu fosse a missão da sua vida.

Isso deixa-me doido.

Acho que ela própria se sentiria melhor se não fosse assim. Se me largasse um bocadinho. Está sempre a falar do que sacrificou por mim, então porque não arranja uma vida própria agora que pode?

A Alexandra, a minha namorada, ou talvez só a rapariga-com-quem-durmo, diz que a mãe dela é igual, mas isso é mentira. A Sirpa não a segue até à cidade, não persegue os amigos dela pelo telefone, não lhe revira os bolsos à procura de erva ou de preservativos.

Por falar em preservativos: a minha mãe não devia ficar contente se encontrasse preservativos? Não é isso que todos os pais querem, que os filhos usem proteção? Porque, presumo eu, o seu maior medo é que eu engravide alguém e acabe como ela.

Pai solteiro.

Ou, como dizem na igreja que ela frequenta para que todos os que vivem de apoios sociais se sintam incluídos, um pai *singular*.

Vivemos num prédio de três andares na Ellen Key, em Fruängen, um subúrbio irrelevante a sul de Estocolmo. Demora exatamente dezanove minutos de comboio até à estação central, e, sinceramente, dezanove minutos não são assim tanto.

Pois não?

Dezanove minutos para a cidade e dezanove minutos de volta, isso dá trinta e oito minutos por dia. Se fizeres essa viagem todos os dias, são 13 870 minutos por ano, ou 230 horas, ou mais ou menos dez dias.

Dez dias desperdiçados da tua vida: afinal, não é assim tão pouco.

Muita coisa pode acontecer em dez dias, como bem sabes.

A questão é que convém fazer umas contas antes de tirar conclusões precipitadas, como achar que dezanove minutos de comboio não têm importância.

A única coisa a que sempre fui realmente bom na escola foi Matemática. Talvez também a Sueco, quando era mais novo. Porque gostava de ler. Mas desisti. Não queres ser apanhado no comboio com um livro na mão.

A Matemática era diferente. Nunca precisei de me esforçar. Via os números na cabeça e sabia a resposta muito antes de os outros sequer pegarem nas calculadoras. E, embora quase nunca fosse às aulas, o meu professor de Matemática deu-me um 20 no último ano do secundário.

Acho que queria incentivar-me, mas eu desisti da escola na mesma. Não via grande sentido em continuar.

Pelo canto do olho um movimento chama-me a atenção. Na gaiola no chão, o melro, já quase adulto, salta. Vasculha um pouco com o bico entre os restos de sementes espalhados, detém-se a meio do movimento, inclina a cabeça de lado e fita-me com uns olhos redondos em formato de botão, rodeados de amarelo.

O melro-preto, *Turdus merula*.

Bem, há outra coisa em que sou bom além de Matemática: identificar aves. Quando era miúdo, era completamente obcecado por pássaros, mas deixei-me disso. É demasiado *nerd*.

No entanto, quando encontrei o melro no contentor, tive de o salvar.

Olho para ele outra vez. Vejo as penas pretas e brilhantes, o bico amarelo vivo a debicar o tabuleiro.

Dou-lhe sementes e pequenos pedaços de sebo. Até lhe ensinei a comer da minha mão, como um animal de estimação bem treinado.

Seguro o telemóvel entre o polegar e o indicador. Consulto o Snapchat.

O Liam publicou um vídeo de uma lata de cerveja a explodir. Parece que alguém a está a alvejar, talvez com uma pressão de ar. A Alexandra mandou-me uma foto dela na cama. Apesar de ter o cobertor puxado até ao nariz, vejo nos olhos que está a sorrir. Pequenos corações cor-de-rosa pulsantes à volta dela, um filtro qualquer.

Abro o WhatsApp: nada do Igor.

Na verdade, espero nunca mais ouvir falar dele. Mas, infelizmente, fiz merda, e agora vou ter de pagar o preço.

Dez dias.

Foi o tempo que demorei a ficar preso na teia do Igor. O mesmo tempo que se gasta num ano a ir e voltar da cidade de comboio.

Mas, para ser completamente honesto, tudo começou muito antes. A minha mãe está sempre a dizer que me falta discernimento e que não me consigo concentrar mais tempo do que se demora a beber um copo de leite. Nunca o disse diretamente, mas é óbvio que acha que herdei isso do meu pai. Como nunca o conheci, não posso dizer o contrário.

Já a minha mãe, problemas desses não tem.

Pelo menos não quando se trata de me perseguir. Nunca perde o foco, nunca desiste.

É como a porra de um cão de caça.

O psicólogo da escola enviou-me para os serviços de saúde mental juvenil, que depois me encaminharam para um especialista. Uma psiquiatra qualquer, com as mãos suadas, joias grandes de prata e dentes tão castanhos que pareciam que tinha andado a mastigar merda.

Nunca gostei dela.

Sobretudo quando começou a falar de défice neuropsiquiátrico. Disse que, mesmo que eu não preenchesse os critérios para um diagnóstico, tinha dificuldades de atenção e controlo dos impulsos. Deixei de a ouvir naquele momento. A minha mãe também. Não queria admitir que havia algo de errado comigo além de umas *más decisões*.

Uns meses depois, li num tabloide que uma celebridade disse sentir-se bem por ter um diagnóstico, que isso explicava muita coisa. Como se quisesse ser doido, como se o diagnóstico fosse um casaco de cabedal fixe ou uma tatuagem bonita para exibir.

Como é que me fui meter nisto, afinal?

Eue o Liam costumávamos roubar em lojas na cidade. No início, era só por diversão. Pegávamos em coisas pequenas, perfumes, roupa. Mas depressa percebemos que, se levássemos eletrónica — discos externos, auscultadores, colunas portáteis —, conseguíamos vender. O Liam comprou um saco forrado a alumínio ao

Janne, do ginásio, e depois só precisávamos de evitar as câmaras, meter as cenas no saco, sair da loja, apanhar o comboio e, dezanove minutos depois, estávamos de volta a Fruängen.

Era quase demasiado fácil.

Ficámos mesmo bons naquilo. Nunca fomos apanhados. Mas, passado pouco tempo, a arrecadação da cave da mãe do Liam começou a ficar cheia. E vender tudo online dava imenso trabalho. Além disso, a minha mãe começou a desconfiar do facto de eu ter vários telemóveis e de desaparecer para o quarto sempre que atendia chamadas.

Foi então que começámos a vender o material a um checheno chamado Aslan, um tipo mesmo sinistro, com tatuagens na cara e que nunca sorria.

O Aslan não pagava grande coisa, só nos dava um quarto do que conseguíamos no eBay, mas comprava tudo de uma vez e nunca fazia perguntas.

Gastávamos o dinheiro em bebida, sapatilhas, erva e, de vez em quando, uns gramas de coca. Uma vez fomos à Stureplan comer marisco como uns autênticos milionários, mas, na maior parte das vezes, limitávamo-nos a fumar umas brocas e ver um bom filme.

Durante o dia, ficávamos em minha casa, e, à noite, em casa do Liam, porque a mãe dele fazia o turno da noite no Hospital de Huddinge.

Nunca chateávamos ninguém.

As lojas tinham seguro, por isso recebiam o dinheiro de volta. E nós nunca roubávamos a pessoas normais, só a empresas enormes como a Media Markt e a Elgiganten, que passam o tempo a enganar os clientes.

Comprávamos a nossa erva e coca a um tipo chamado Malte, que costumava estar no salão de bilhar. O Malte era alto, magríssimo, tinha as mãos trémulas e era invulgarmente simpático para um traficante.

Acho que foi o Liam que lhe perguntou se podíamos pagar com eletrónica. Mas o Malte limitou-se a esfregar as mãos ossudas,

riu-se à gargalhada, ostentando os seus dentes de ouro, e explicou que esse não era o seu tipo de negócio. No entanto, disse, se queríamos erva de borla, podíamos dar-lhe uma mão noutra coisa.

E foi assim que aconteceu. Começámos a fazer uns trabalhos para o Malte.

Depressa percebemos que ele era uma peça importante na engrenagem que abastecia Estocolmo de erva e coca. Na verdade, estava bastante próximo do patrão, o Igor. Tão próximo que o Liam, às vezes, chamava o Malte de «a putinha do Igor».

Ríamos imenso com isso.

Os trabalhos que fazíamos para o Malte eram pequenos, e nada de muito ilegal.

Recolhíamos e deixávamos encomendas em vários locais ou tomávamos conta do telemóvel quando os clientes faziam pedidos no WhatsApp. Apesar de toda a comunicação na aplicação ser encriptada, o Malte e a sua equipa tinham criado códigos malucos para os produtos. Quando alguém ligava e encomendava «pizza», o meu trabalho era perguntar qual é que queriam. «Capricciosa» era erva, por exemplo, e «Havaiana» era coca. Se um cliente pedisse cinco «Havaianas», isso significava cinco gramas de coca.

O preço de um grama de coca de primeira qualidade era 800 coroas, por isso a pizza não saía barata. Por outro lado, o cliente recebia a encomenda em menos de meia hora, o que significava que oferecíamos um serviço de alto nível.

Eram negócios *à moda antiga*: coca, anfetaminas, erva, essas coisas. Nada de medicamentos com receita nem tretas afins. E, claro, não vendíamos heroína — esse mercado pertencia aos gambianos em Kungsträdgården.

Por vezes, o Malte falava-nos dos velhos tempos, quando os traficantes andavam pela rua a vender droga como se fosse gelado. E os polícias apanhavam-nos num instante.

Ria-me à gargalhada.

Não conseguia entender como é que as pessoas sobreviviam antes da Internet e das aplicações.

Agarrei-me a tudo aquilo como um pato na água, mas o Liam andava nervoso e queria sair. No fim, obrigou-me a prometer que deixaríamos de trabalhar para o Malte, e eu disse que sim, mais para o deixar contente do que outra coisa.

Passados uns meses, não nadávamos apenas em erva, mas também em dinheiro. Depressa percebi que nunca conseguiria ganhar tanto com um emprego normal.

O Liam comprou um *BMW* em segunda mão a um tipo de Bredäng e parecia realmente feliz pela primeira vez em muito tempo. Eu, pelo contrário, não me atrevia a comprar nada caro, porque a minha mãe já fazia demasiadas perguntas sobre de onde vinham as minhas roupas novas, as sapatilhas, e por aí fora.

Era quase como se ela conseguisse cheirar que alguma coisa estava errada.

Um dia, fui chamado para conhecer o patrão do Malte, o Igor, um russo enorme, de músculos inchados e cabeça rapada.

O Igor era uma lenda por três razões.

Primeiro, controlava uma grande parte do tráfico de droga em Estocolmo.

Segundo, o Liam dizia que ele se livrara de três gajos que o tinham roubado atando-os com braçadeiras de plástico e afogando-os como se fossem gatinhos.

Terceiro, aparentemente escrevia poesia e tinha publicado vários livros.

Para ser sincero, senti-me um pouco lisonjeado quando o Igor disse que tinha ouvido falar do meu bom trabalho e perguntou se eu estava interessado em colaborar com tarefas um pouco maiores. Pagariam bem e, se eu continuasse a mostrar potencial, havia muitas oportunidades na empresa.

Sim, ele chamou-lhe mesmo «a empresa». Como se estivesse a gerir um negócio legítimo.

Falou bastante sobre como o cliente tem sempre razão, sobre a importância de ser honesto com os compradores e de manter sempre uma atitude «focada no atendimento».

Era quase como se tivesse feito um daqueles cursos do Instituto de Emprego sobre como gerir empresas a sério, com IVA, compensação de horas extra e toda essa treta.

Disse logo que sim. Só quando estava a sair é que comecei a ter dúvidas.

Mas aí já era tarde.

Nessa noite, o Igor convidou-me para ir à noite de copos de sexta-feira da empresa. Não sei se foi no gozo, mas ele chamou-lhe mesmo um «convívio pós-laboral».

Bebemos cerveja e jogámos bilhar. Quer dizer, todos menos o Igor, que aparentemente não tocava numa gota de álcool e ficou sentado num canto da sala a observar-nos.

O Liam não foi.

Depois contou-me que também tinha recebido o mesmo convite do Igor, mas recusou. Disse que eu era maluco e que a minha vida ia ser um inferno se não comesse a pensar antes de agir.

Além disso, eu tinha-lhe prometido que não faria mais trabalhos para o Igor e a sua putinha. E agora tinha-o desiludido. Blá-blá-blá.

Isso foi há exatamente dez dias.

Na semana seguinte, tive de acompanhar o Malte na cobrança de dívidas de clientes que andavam a acumular contas por pagar. Foi aí que percebi que a gestão de crédito da empresa não era propriamente centrada no cliente e que o Malte não era tão simpático como o Liam e eu pensávamos.

O esquema era o seguinte: batíamos à porta do cliente e, se ele ou ela abrisse, o Malte explicava que estávamos ali para cobrar o dinheiro que deviam. Às vezes, pagavam logo, e então nós agradecíamos, desejávamos uma boa-noite e íamos embora, como dois mórmones bem-educados.

Muitas vezes, os clientes diziam que não tinham dinheiro, mas que pagariam em breve. Se fosse a primeira visita, dizíamos

que voltaríamos dali a uma semana e que «era melhor para todos que pagassem nessa altura», e o Malte anotava cuidadosamente a visita no telemóvel, onde controlava todas as dívidas.

No entanto, se fosse a segunda ou terceira visita, levavam uma coça.

Não sabia o que acontecia na quarta visita, mas calculava que fosse outra pessoa a tratar disso, provavelmente um gângster a sério. Talvez o mesmo que ajudara o Igor a afogar aqueles gajos. Se é que essa história era verdadeira, porque o Liam também dizia muita treta.

O meu trabalho era manter os clientes quietos e de pé enquanto o Malte os esmurrava e pontapeava como um psicopata. Se eram raparigas, normalmente ameaçava-as com uma faca: encostava-lhes a lâmina azul serrilhada à pele fina por baixo dos olhos, arranhava só um bocadinho até sangrarem e explicava-lhes as cicatrizes horríveis que carregariam para o resto da vida. Ao mesmo tempo, apalpava-lhes as mamas.

Durante esse tempo, houve apenas uma vez que o Malte decidiu não bater na pessoa — é claro que tinha de ser uma gaja — mesmo sendo já a segunda visita. Era uma mulher nova, de cabelo ruivo comprido, chamada Sabina. Mal abriu a porta, foi óbvio que ela e o Malte se conheciam e que ele estava caidinho por ela. Falaram tanto que, depois de estar a apanhar uma seca há algum tempo, perguntei se podia usar a casa de banho.

Podia.

Quando voltei, vi o Malte a dar-lhe um maço fino de notas, em vez de o estar a receber.

Assim, sem mais nem menos.

A rapariga sorriu e prometeu pagar-lhe em breve.

Mal ela acabou de dizer isso, o Malte reparou em mim. Agarrou-me pelo colarinho, encostou-me à parede e sibilou-me ao ouvido.

«Nem uma palavra sobre isto a ninguém, estás a perceber? Eu estaria morto. E tu também.»

Limitei-me a assentir com a cabeça.

O que é que ele pensava? Que eu ia falar com o Igor? Que agora era uma das suas putinhas?

Mas, como disse, a ruiva foi a única exceção. Todos os outros levavam uma tarefa.

Muitos gritavam. Alguns choravam.

Homens enormes, com bíceps de gorila e caveiras tatuadas, guinchavam como bebês e imploravam por misericórdia. Um deles vomitou em cima das minhas sapatilhas novas *Gucci* depois de o Malte lhe ter dado um murro no estômago.

Foi horrível.

Aquilo não era apenas roubar lojas como a Media Markt ou tirar pedidos de pizza que, na verdade, eram cocaína — era magoar pessoas a sério. Não aguentei. Eu sei que já fiz merdas ilegais, mas não sou um monstro.

Naquela primeira noite, percebi que a empresa do Igor provavelmente não era para mim.

Mas como é que se sai de um emprego assim?

No fim, ganhei coragem e disse ao Igor como era, que não gostava de espancar pessoas.

Ele anuiu com seriedade e sorriu. Recostou-se na cadeira, fazendo chiar o cabedal caro do casaco. Depois explicou que aquele trabalho não era para toda a gente e que havia outras coisas em que eu podia ajudar, caso fosse um mariquinhas que achava que era demasiado bom para sujar as mãos.

Disse essa última parte com um esgar de desprezo, e eu senti-me corar de vergonha, contra a minha vontade.

Mas depois o Igor ficou sério outra vez, disse que acreditava na diversidade e que as pessoas tinham talentos diferentes. Para construir uma organização forte, era preciso aproveitar as várias competências.

Então, inclinou-se para a frente, tirou um pacote, mais ou menos do tamanho de uma barra de manteiga, embrulhado em papel pardo, e atirou-mo.

«Vai à zona industrial na segunda-feira à noite. Encontra-te comigo em frente à garagem abandonada às nove. Nem um minuto depois. Desliga o telemóvel antes de ires para lá e leva esse pacote contigo. Isto é importante, percebeste? O teu trabalho vai ser ficar de vigia enquanto eu me encontro com um cliente. Um cliente importante. Um distribuidor.» Fez uma pausa como que para me escrutinar antes de continuar. «Esse pacote contém amostras do nosso produto, por isso não preciso de te explicar o quão importante é que não o percas.»

Anuí com a cabeça e saí do escritório do Igor, nos fundos do salão de bilhar, sentindo ao mesmo tempo vergonha e alívio. Mas, acima de tudo, alívio: já não teria de bater em ninguém e qualquer coisa era melhor do que isso.

Mas agora é domingo e o alívio que senti no escritório enevoadado do Igor foi-se dissipando, substituído por um desconforto crescente.

Sopeso o pacote e fico a olhar pela janela. As nuvens sobre o velho manicómio adensaram-se e começou a cair uma chuva leve no parque de estacionamento. O alcatrão está negro e brilhante, como o gelo recém-formado num lago muito fundo.

O pacote não pesa muito; diria que tem uns cem gramas. Durante a minha curta, mas intensa carreira na empresa, desenvolvi uma habilidade perfeita para estimar o peso de pequenas embalagens e saquinhos.

Sou quase tão bom nisso como a fazer contas de cabeça.

Cem gramas. Provavelmente coca. Oitocentas coroas por grama. Isto significa que o valor de venda do produto é de 80 mil coroas.

Alguém bate à porta. Instintivamente, pouso o pacote na mesa e viro-me.

A minha mãe entra.

Parece cansada.

O seu cabelo castanho comprido está salpicado de grisalho e cai-lhe pelos ombros em caracóis desfeitos. A camisa de ganga estica-se sobre os seios e uma cruz dourada brilha-lhe no pescoço.

As calças cáqui, bem passadas a ferro, estão tão gastas que começam a esfiapar-se nas bainhas. Tem um saco do lixo numa das mãos.

— O que andas a fazer? — pergunta, com o olhar a vaguear enquanto afasta uma madeixa de cabelo para trás da orelha. — Estás ocupado agora? Ou só estás aí sentado e... Quer dizer, isso também não faz mal. Se não estiveres ocupado, quero dizer.

A minha mãe fala sempre demais. É como se as palavras lhe saíssem da boca sem passarem primeiro pelo cérebro. Como um pássaro que acabou de fugir da gaiola.

— Nada — respondo, esperando que se vá embora, porque não suporto ouvi-la chatear-me neste momento.

— Ligaste ao Ingemar hoje? Acho mesmo que te fazia bem. Telefonar-lhe, digo.

O Ingemar era um dos anciãos da congregação da minha mãe. Um homem na casa dos sessenta, com cabelo grisalho e frisado e lábios grossos e vermelhos. Estava sempre a sorrir, mesmo quando o pastor falava do inferno e da condenação eterna. O Ingemar era dono de uma pequena cadeia de rulotes de cachorros-quentes e, segundo a minha mãe, estava sempre a precisar de gente.

Mas porque é que havia de andar a grelhar cachorros por, sei lá, 90 coroas à hora, se com o Igor posso ganhar pelo menos dez vezes mais?

— Não. Não tive tempo.

A minha mãe deixa cair o saco do lixo. Embate no soalho com um baque húmido.

— Mas, Samuel, *prometeste-me*. O que tiveste de fazer que fosse assim tão importante?

Não lhe respondo. O que é que posso dizer? Que passei o dia a jogar videojogos?

Ela dá uns passos na minha direção e cruza os braços sobre o peito. Uma mancha escura e brilhante começa a crescer debaixo do saco no chão.

— Não podemos continuar assim, Samuel. Tens de tomar as rédeas da tua vida, a certa altura. Não podes simplesmente ficar por casa a...

A voz falha-lhe e, pela primeira vez, fica sem palavras. Vejo os seus olhos deslizarem até à gaiola do pássaro e abanar a cabeça, quase impercetivelmente.

Depois, fica imóvel e pergunta:

— O que é isto?

Ela pega no pacote do Igor que está em cima da mesa.

— Dá-mo já — digo eu, levantando-me e apercebendo-me, nesse instante, de que a minha reação brusca e instintiva me denunciou. A minha mãe sacode o pacote, como se pudesse ouvir o que tem dentro. — Dá-mo já, foda-se!

Estico a mão para agarrar o embrulho castanho.

— Não digas asneiras na minha casa — sibila a minha mãe. E depois: — E para mais... o que é isto?

Recua alguns passos, mas os seus olhos dizem tudo. Não parecem preocupados nem zangados, apenas desiludidos.

Como sempre.

Sou a maior desilusão da sua vida.

— Nada — respondo.

— Bem, então não faz mal se eu ficar com isto. Se não for nada importante. Não te vais importar que eu te tire isto, pois não?

A minha mãe vira e revira o pacote, analisando-o de todos os ângulos, como se fosse uma bomba. Com os dedos trémulos, arranca a fita-cola e rasga o papel. Até que o pacote castanho rebenta, e cerca de vinte pequenos sacos de plástico transparente, cheios de pó branco, espalham-se pelo chão, caindo-lhe aos pés como folhas de outono ao redor de uma grande árvore.

— Mas o que raio...

— Não é o que estás a pensar. É...

Mas não consigo encontrar uma boa desculpa, porque o que mais poderia estar guardado em saquinhos daqueles além de branca?

A minha mãe balança para trás e para a frente com a boca aberta. Os olhos brilham-lhe das lágrimas.

— Sai daqui, Samuel. Estou a falar a sério.

A voz dela está calma, apesar de parecer que acabou de ver um fantasma em plena luz do dia.

— Eu...

— *Rua!* — ruge ela, e depois baixa-se. Apanha os saquinhos, vai até ao saco do lixo e enfia-os lá para dentro, por entre pacotes de leite vazios, cascas de camarão e caroços de maçã. A seguir, pega no saco e sai para o corredor.

Fico a olhar para a mancha húmida no soalho e ouço a porta das escadas abrir-se. Depois, o som familiar e metálico da conduta do lixo a abrir e a fechar.

Ouçó passos e a porta do apartamento a fechar-se.

— *Rua!* — grita de novo, do corredor. Agarro nas minhas coisas, enfio-as na mochila, puxo o capuz para cima e saio para o corredor. — Sai da minha casa — sussurra a minha mãe. — E leva isto contigo.

Tira a pulseira de contas de vidro coloridas que lhe fiz na primeira classe e atira-a para o chão. Depois, afasta-se a chorar.

Agarro na pulseira — usa-a desde que me lembro. Passo as contas de vidro pelos dedos.

Ainda estão quentes.

A chave da nossa porta também abre a do depósito de lixo na cave, e depois de a forçar um pouco, a porta abre-se com um gemido. Inspiro o cheiro sufocante de comida podre, fraldas velhas e vinho azedo.

Alguns lá fora, ouve-se o som de um camião a afastar-se.

Apalpo a parede de betão à procura do interruptor, encontro-o, ligo-o e, no momento seguinte, a sala fica banhada por uma luz fria.

O lixo desapareceu.

Novos sacos vazios estão pendurados ordenadamente no suporte giratório. Esvoaçam e farfalham ligeiramente com a corrente de ar que vem da porta.

O coração bate-me com força e corro até à porta da frente, abro-a e saio para a chuva, a tempo de ver o camião do lixo a afastar-se com 80 mil coroas em coca.

Nunca foi culpa minha.

Sempre tive fraco controlo dos impulsos, até a psicóloga dos dentes nojentos o afirmou, e ela deve saber.

Nunca quis magoar ninguém, apesar de a minha mãe parecer achar que tento sabotar-lhe a vida de propósito.

Só roubávamos a grandes empresas, que estavam seguradas até aos dentes, e só vendíamos erva e coca a adultos conscientes, clientes que escolhiam pagar para ficarem mocados.

Onde há procura, há mercado.

Tudo o que fizemos foi satisfazer essa procura de forma rápida, eficiente e até *focada no atendimento*.

E o trabalho de cobranças com o Malte?

Não, disso não me orgulho, e se pudesse voltar atrás e escolher de novo, teria dito que não quando o Igor me pediu. Mas não se pode voltar atrás. O tempo só anda numa direção.

O maldito relógio nunca para.

Sete e trinta e seis.

Daqui a exatamente um dia, uma hora e vinte e quatro minutos, tenho de estar na zona industrial.

Recordo as palavras do Igor.

«Esse pacote contém amostras do nosso produto, por isso não preciso de te explicar o quão importante é que não o percas.»

Se aparecer lá sem o pacote, o Igor vai enlouquecer. Mas se não aparecer de todo, nem quero imaginar o que me pode acontecer. Suponho que me enviem o gângster, o responsável pela quarta visita.

Caio de joelhos. Fico a olhar para o alcatrão molhado, com as costas voltadas para a parede.

A pulseira de contas de vidro brilha à luz dos candeeiros de rua. Quatro das contas têm letras.

Pisco os olhos algumas vezes e leio a palavra familiar.

MAMÃ.

Pernilla

A chuva tamborila no vidro da janela, e ouço o elevador hidráulico do camião a recolher o lixo do nosso bloco de apartamentos. Um momento depois, os meus pensamentos são abafados pelo rugido do motor a afastar-se.

Terei feito mal em expulsar o Samuel?

Não foi a primeira vez, já o pus na rua duas vezes nos últimos três meses. Mas sempre nos reconciliámos depressa.

Talvez depressa demais — as minhas amigas da congregação dizem que sou demasiado boazinha. Que tenho de impor limites e deixá-lo ir. Que não posso aceitá-lo de volta duas horas depois de o ter expulsado.

Tentei explicar-lhes que o problema é que não sei qual a melhor forma de o ajudar. Devo ser compreensiva? Fazer exigências? Encorajar aqueles raros, mas ainda assim recorrentes, momentos em que ele demonstra alguma iniciativa, age como um adulto e assume responsabilidades?

E, bem no fundo, reside a culpa inevitável, como um tumor que cresce de cada vez que o Samuel faz outra asneira. Com cada ano que passa sem que ele aceite Jesus no coração.

E a culpa é minha.

Junto as mãos e fecho os olhos. Digo uma oração curta.

Querido Deus, faz com que o Samuel entenda que o carregas. Toma-o sob a sombra das Tuas asas e mostra-lhe o caminho certo. E guia-me para que eu o possa ajudar. E perdoa. Perdoa. Perdoa-me por tudo. Em nome de Jesus. Ámen.

Deixo-me cair no chão e assento as mãos no linóleo frio. Permito que os meus olhos vagueiem pela divisão.

O horário do Samuel ainda está colado no frigorífico, apesar de ele ter abandonado o liceu há meses. Imprimi-o num formato grande e pendurei-o para que não se esquecesse das aulas. Terças e quintas estão marcadas a rosa. «Não te esqueças da roupa de ginásio!» escrevi nesses dias. Segunda-feira está marcada a verde. «Atenção! Primeira aula às 08h05!», lê-se ao lado. Frascos de óleo de fígado de bacalhau alinham-se na bancada da cozinha. Uma das mulheres do meu grupo bíblico jurou que podiam curar até os mais severos problemas de concentração.

Isso e a oração, claro.

Mas o Samuel não quis tomar as cápsulas. Disse que cheiravam a peixe podre, o que pode bem ser verdade.

Tudo é culpa minha. O meu passado apanhou-me, o meu pecado veio novamente à luz.

Tive uma infância muito feliz até aos 9 anos.

Cresci numa família profundamente religiosa. O meu pai, Bernt, era pastor de uma igreja evangélica, e a minha mãe, Ingrid, dona de casa. Os meus pais queriam ter muitos filhos, mas tinham apenas um, facto que, durante muito tempo, tentei compensar sendo a filha perfeita.

Uma filha pelo menos duas vezes melhor do que todas as outras.

Vivíamos em Huddinge, a sul de Estocolmo, numa pequena casa amarela junto ao lago Trehörningen.

Éramos uma família comum: tínhamos um Volvo, dois *golden retrievers* — provavelmente substitutos dos irmãos que nunca chegaram — e um grande jardim cheio de árvores de fruto e arbustos de bagas. Desde cedo, estive muito envolvida na congregação e tinha sempre as melhores notas na escola.

No entanto, se os meus pais se orgulhavam de mim, nunca o disseram.

Suspeito que achavam que eu não fazia mais do que a minha obrigação.

O meu pai trabalhava muito — fazia parte do seu papel de pastor estar sempre disponível para os membros da congregação e, por vezes, parecia ser simultaneamente curador de almas, banco e polícia.

Havia sempre grande agitação em nossa casa — amigos, membros da congregação em busca de ajuda e orientação, todos partilhávamos o pão na nossa cozinha espartana enquanto os cães nos olhavam com olhos arregalados, a mendigar migalhas.

Na altura, tomava tudo por garantido: os bens materiais, a minha família amorosa e, sobretudo, a minha fé, que tantos hoje em dia não têm. Era uma bênção receber tanta felicidade sem precisar de refletir sobre ela, mas também um pecado, porque não entendia a dádiva que era, não agradecia a graça do Senhor.

Um dia, quando tinha 9 anos, cheguei cedo a casa da escola e encontrei a minha mãe nua no sofá com um vizinho da nossa rua, o pai de um dos meus colegas.

Ainda me lembro de ver o sol a refletir nos corpos suados, enlaçados no sofá de bombazina amarelo-mostarda. Lembro-me de ver o cabelo escuro e comprido da minha mãe a esparramar-se sobre o peito do Jöns, e da mão dele a repousar suavemente sobre a sua nádega ruborizada.

Foi a última vez que vi a minha mãe.

Na manhã seguinte, tinha desaparecido.

A minha mãe era bonita, talvez bonita demais para o seu próprio bem. Além disso, não queria obedecer ao meu pai.

O rosto de um anjo e o coração de uma serpente. Uma tentadora rebelde, foi como o meu pai a começou a chamar, e nesse mesmo tom citava frequentemente a carta aos Efésios, que se diz ter sido escrita por Paulo durante o seu cativeiro em Roma: «Mulheres, sujeitem-se aos vossos maridos, como ao Senhor.»

Mas o meu pai não era um tirano, ainda que o possa parecer. Ele amava a minha mãe, mesmo depois de ela nos ter deixado num vazio escuro. Mesmo depois de ela ter abandonado Jesus e vivido em pecado até à sua morte.

Se o desaparecimento da minha mãe foi traumático, nada se comparou aos três anos de silêncio que se seguiram. Nem um telefonema, nem uma carta. Todos os anos, no meu aniversário, eu esperava que a minha mãe me contactasse. Rezava intensamente e ansiava que ela aparecesse.

Mas ela nunca o fez e, no meu décimo terceiro aniversário, morreu num acidente de carro, a poucos quilómetros de nossa casa.

Levanto-me, pego no telemóvel e vou para a casa de banho. Enxaguo o rosto com água fria durante muito tempo e depois olho para a minha imagem no espelho. O cabelo castanho frisado, as rugas de preocupação nos cantos da boca, a barriga e as nádegas a sobressaírem nas calças demasiado apertadas. Os olhos vermelhos e o rímel borrado por baixo deles.

Ainda assim, vejo-o, há algo nos olhos e nas maçãs do rosto — sou filha da minha mãe.

Mas herdei mais do que apenas os traços faciais da minha mãe. Herdei o seu impulso para o pecado, aquele que lhe fervilhava no peito. Talvez ela mo tenha passado pelo leite, como um veneno invisível, mas mortal, disfarçado de alimento e amor.

Pelo menos foi o que o meu pai disse quando eu tinha 18 anos e conheci o Isaac Zimmermann.

O Isaac era tudo o que um bom cristão não devia ser. Primeiro, não era cristão, era judeu. Só isso já era catastrófico e vergonhoso aos olhos do meu pai. Segundo, era cinco anos mais velho do que eu, americano e um «músico *hippie*». O meu pai recusou-se a deixá-lo entrar na nossa pequena casa amarela.

Porém, jovem e estúpida como era, desafiei o meu pai e continuei a ver o Isaac. Achava-o irresistível, com aquele corpo magro, um aspeto maltrapilho e o cabelo encaracolado e comprido.

Fazia-me lembrar Jesus.

E eu caí. Caí nos braços acolhedores da ruína, e gostei, porque não conhecia outra coisa.

Achei que o meu amor pelo Isaac, a minha paixão ardente, preencheria o vazio que a minha mãe tinha deixado. Que curaria as feridas profundas que ainda devastavam a minha alma.

Mas a única coisa que aconteceu foi engravidar.

O Isaac queria que eu abortasse, mas isso não era uma opção para mim. É claro que, em parte, era por causa da minha educação, de toda aquela conversa sobre a santidade da vida, mas mais importante ainda era a minha convicção absoluta de que já amava o pequeno ser que crescia dentro de mim. Que eu, que já tinha perdido a minha mãe, não perderia também o meu filho. Que não podia escolher abandoná-lo como a minha mãe me abandonara.

A última coisa que eu queria era ser como ela.

O rosto de um anjo e o coração de uma serpente.

O Isaac zangou-se, partiu em digressão para Värmland e não me contactou durante várias semanas.

Mais tarde, chegou uma carta a explicar que ele não estava pronto para formar família e que, se eu quisesse ter a criança, teria de a criar sozinha.

E foi isso que aconteceu.

Depois de quase seis meses sem contacto algum com o meu pai, voltei para a pequena casa amarela.

Dezoito anos e muito grávida.

Se o meu pai estava envergonhado, não o demonstrou. E a congregação recebeu-me de braços abertos. Sim, eu era uma pecadora, mas estava pronta para me curar, para salvar a minha alma imortal antes que fosse tarde demais.

Uma vez, o meu pai disse-o com todas as letras uma única vez: a maçã não cai longe da árvore.

Era uma noite tempestuosa de outono e estávamos a discutir, nem sequer me lembro sobre o quê, apenas que ele ergueu a voz e proclamou que eu era igual à minha mãe.

Que eu tinha o diabo no corpo.

E agora passei esse mal para o Samuel.

Fiz tudo ao meu alcance para lhe dar uma vida boa. Esforcei-me para nos sustentar. Nunca, em todos os anos desde que o Samuel nasceu, me permiti umas férias ou comecei um novo relacionamento. Não porque não quisesse, mas porque o Samuel sempre foi uma criança exigente desde o primeiro dia. Uma criança que me sugava a energia como um buraco negro insaciável.

Fiz tudo.

E rezei.

Mas Deus decidiu claramente que as minhas provações ainda não terminaram, e eu tenho de aceitar isso.

Só não sei onde vou encontrar forças.

Diz-se que o Senhor nunca nos dá mais do que conseguimos suportar, mas às vezes penso sobre isso.

Limpo o rosto com uma toalha. Fica preta da maquilhagem e atiro-a para o chão. Pego no telemóvel e escrevo uma mensagem curta. Peço ao Samuel para voltar para casa. Escrevo que o amo e que lamento ter perdido a calma.

Depois, sento-me na sanita para urinar.

Ouve-se um som estridente vindo do quarto do Samuel. Deve ser aquele melro a remexer na gaiola.

Ele sabe ser responsável quando quer. Quando se trata de alguém ou algo de que gosta.

Como um melro.

Apago a mensagem e atiro o telemóvel para o chão.

Dá uns saltos contra o tapete da casa de banho e detém-se ao lado do chuveiro.

Não, penso.

Desta vez é diferente.

Desta vez ele vai aprender a lição.

Manfred

Estamos sentados perto da cama, um de cada lado, eu e a Afsaneh. A Nadja está deitada entre nós, rodeada pelas máquinas que a mantêm viva. Os aparelhos apitam e suspiram. Um dos seus braços está coberto por uma grande camada de gesso, e um tubo sai de um pequeno orifício na sua garganta, ligado à máquina que respira por ela.

À sua volta, há monitores que medem a frequência cardíaca, a temperatura, o nível de oxigénio e a pressão no cérebro. Há tantas máquinas que parece que estamos numa nave espacial.

No corredor, ouço alguém a andar de modo apressado, provavelmente a caminho de outra criança doente.

Na cabeceira da cama, está a Angelica, a médica de cuidados intensivos, ao lado de uma pequena mesa branca onde se encontra um computador.

Ela é boa. Todos são bons na UCIP — a unidade de cuidados intensivos pediátricos — para onde fomos transferidos após a primeira semana na unidade de cuidados neurocríticos. Cuidam não só das crianças, mas também de nós, as famílias. Trazem-nos comida, café. Explicam tudo aquilo que não pode ser explicado. Seguram-nos as mãos e enxugam as nossas lágrimas.

Não sei como conseguem.

A Nadja está em coma induzido.

Sofreu ferimentos graves na cabeça quando caiu da janela, e os médicos sedaram-na para dar tempo ao cérebro de recuperar. Mas ninguém sabe ainda se ela alguma vez acordará, ou que tipo de vida terá se acordar.

Já passaram três semanas.

Pensei que com o tempo se tornaria mais fácil; que a incerteza seria mais tolerável, mas acontece o contrário. A cada dia que passa, torna-se mais doloroso viver neste limbo.

Largo a mão quente e húmida da Nadja e recosto-me na cadeira. Olho para a Afsaneh, sentada do outro lado, curvada, com a cabeça entre as mãos e os cotovelos apoiados nos joelhos.

Há algo de simbólico, quase fatal, na forma como estamos sentados, de cada lado da Nadja. Não consigo chegar à Afsaneh, e ela não consegue chegar a mim, mesmo que quisesse, porque a Nadja interpôs-se entre nós.

O seu acidente interpôs-se entre nós.

Tal como aconteceu em casa.

Eu e a Afsaneh mal falamos um com o outro, e ela já não me toca.

E eu toco-a?

Não sei. Não me lembro.

Há tantas coisas de que não me lembro.

Os dias passam, como navios distantes no mar, e perdi a capacidade de refletir sobre eles. Houve vezes em que me levantei de manhã, me sentei no sofá da sala e as horas passaram até que, de repente, me apercebi de que o céu estava a escurecer lá fora.

O tempo deixou de existir. Tudo se tornou apenas uma longa e dolorosa espera pelo dia em que a Nadja acordará ou nos deixará para sempre.

A Afsaneh estica-se e massaja o pescoço com uma mão.

— Vou buscar um café — diz, sem me perguntar se quero alguma coisa.

Não respondo. Apenas olho pela janela, onde o Sol brilha num céu azul-claro e o vento brinca nas copas das árvores.

A Angelica ergue o olhar do computador.

— Quer alguma coisa? — pergunta. — Estava mesmo prestes a ir à cozinha.

— Não, obrigado. Estou bem.

Já não tenho fome. Eu, que sempre adorei comida, que sou gordo desde a adolescência. Devo ter perdido pelo menos doze quilos nas últimas semanas.

A dieta mais eficaz de sempre: viver com um filho gravemente doente.

Tudo o que é preciso é um momento de distração, apenas o suficiente para o teu filho cair de uma janela, correr para uma estrada ou cair à água, de um pontão.

A vida leva tempo. A vida é um burro velho e cansado.

Mas a morte é veloz como um relâmpago. A morte só precisa de um segundo, um passo, um sopro. A morte é uma serpente, cuja mordida chega sem aviso. Raios me partam se não for mais rápida do que a própria sombra, como o Lucky Luke.

O telemóvel toca e eu olho para ele sem compreender antes de atender.

— Manfred? É a Malin.

Demoro um segundo a perceber que a pessoa do outro lado da linha é a minha colega Malin Brundin.

A Malin, que normalmente trabalha em Katrineholm, fez parte da equipa que investigou os homicídios de Ormberg, um dos crimes mais infames da Suécia.

A investigação tomou um rumo que mudou a vida da Malin para sempre. Descobriu-se que um parente seu mantivera uma mulher prisioneira numa cave durante muitos anos, e que a Malin era também filha dessa mulher. Ou seja, a pessoa com quem a Malin cresceu, a quem chamou mãe toda a vida, não era a sua mãe biológica.

Como se sobrevive a algo assim?

Na verdade, surpreende-me que ela não tenha deixado a polícia e se tenha mudado para Estocolmo ou para outra cidade grande, onde poderia esconder-se mais facilmente da imprensa ou dos curiosos.

A Malin aceitou um cargo temporário em Estocolmo durante o verão, por sugestão minha. Deve ter-me passado pela ideia que poderia fazer-lhe bem sair de Ormberg. Que, de alguma forma, poderia curar a ferida horrível que, imagino eu, ela carrega.

— Olá — digo.

— Como vai isso? — pergunta.

Como se responde a uma pergunta dessas?

As pessoas estão constantemente a perguntar-me como estou, mas deixei de responder, porque não tenho forças para explicar. Não apenas porque dói, mas porque leva demasiado tempo. E, além disso, nem sequer sei o que se passa comigo, porque deixei de prestar atenção a isso.

— Sem alterações — digo, após uma breve hesitação.

— Hum, estamos só a perguntar se já estás a caminho, porque pensávamos começar agora.

Raios.

Então, lembro-me.

Devia voltar ao trabalho hoje. O meu atestado acabou, e a vida, pelo menos a minha vida profissional, recomeçou.

— Porra, Malin, desculpa... Confundi os dias. Estou no hospital com a Nadja e esqueci-me completamente...

— Não faz mal — diz ela, tão depressa que suspeito que já esperava exatamente essa resposta. — Podes vir amanhã, se for melhor.

— Não, não, vou já para aí.

Há uma pausa.

— Não, então, espera aí — diz a Malin. — Temos um caso novo. O corpo de um homem deu à costa num ilhéu na zona sul do arquipélago de Estocolmo. Vamos ao laboratório forense em Solna dentro de uma hora. Podes encontrar-nos lá. — Ela hesita

um pouco, mas depois continua. — Afinal, já estás no hospital Karolinska.

O sol bate no asfalto quente, não há sinal da chuva de ontem.

A Malin está de pé à entrada do edifício de tijolos, ocupada com o telemóvel. Descarto o cigarro o mais discretamente possível e vou ter com ela. O cabelo castanho comprido, o corpo esguio, mas musculado. Os olhos escuros semicerrados contra o sol enquadrados por sobrancelhas bem desenhadas, e a ligeira severidade em torno da boca — a Malin continua igual. Mas as bochechas estão mais cheias, as ancas mais arredondadas e a t-shirt ajusta-se sobre a barriga grande.

A Malin e o Andreas vão ter um bebé.

Trabalharam juntos na investigação em Örmberg e passaram o tempo todo de candeias às avessas. Discutiam sobre tudo, desde imigração a apoios sociais, e nem sequer conseguiam chegar a acordo sobre que restaurante escolher para almoçar.

E agora vão trazer uma nova pessoa ao mundo juntos.

No mínimo, é inesperado.

— Ainda fumas às escondidas? — pergunta a Malin, acenando com a cabeça na direção da beata no chão.

Não respondo, limito-me a dar-lhe uma palmadinha no ombro.

A pouca distância, à direita da Malin, está o Gunnar Wijk, também conhecido por Deico.

Lanço-lhe um olhar de esguelha.

A barba é grisalha e desgrenhada. As pálpebras tão pesadas que devem atrapalhar-lhe a visão por trás dos óculos de armação fina. Tem uma barriga saliente por baixo da camisa de manga curta e as calças de poliéster estão um pouco curtas demais, expondo os tornozelos inchados, sem meias, acima de umas sandálias castanhas e gastas.

O Gunnar é uma lenda. Vem de uma família de polícias que pagou um preço alto por trabalhar na força policial. Mas é mais

conhecido por ter sido o maior Don Juan que a Polícia de Estocolmo já viu. Um sedutor nato, que, segundo opinião geral, conseguia conquistar qualquer ser com pulsação. E, no momento crucial, quando estava prestes a superar a última resistência, soltava a sua expressão icónica: *Deixa acontecer*.

Obviamente, não demorou muito até o *modus operandi* do Gunnar se tornar conhecido, pelo que, pouco depois, os engracadinhos da esquadra deram-lhe a alcunha de *Deixa Acontecer*. Com o tempo, a alcunha encurtou para *Deico*, que se tornou a sua assinatura.

Cumprimento-o. Nunca trabalhámos juntos, mas, claro, conhecemo-nos, ainda que superficialmente.

Dizem que, na verdade, é um bom polícia, apesar de ter ficado um pouco rabugento com a idade. Os que o conhecem melhor dizem que fica especialmente maldisposto quando não está envolvido numa paixão.

— O que temos? — pergunto.

— Um homem nos seus 20 e poucos anos — responde o Deico, passando a mão pela barba. — Foi encontrado ontem por um pescador desportivo.

— E porque *estamos* aqui?

A pergunta faz sentido. Mortes suspeitas normalmente não são investigadas pela Unidade de Operações Nacional.

— Acreditamos que o morto pode estar ligado a uma investigação em curso — diz a Malin. — Além disso, a Polícia de Estocolmo está com falta de pessoal. Pediram reforço.

— Já sabemos quem é a vítima?

— Não temos a certeza — responde, semicerrando os olhos para se proteger do sol.

O seu olhar desliza sobre mim.

Devo estar com um aspeto horrível. Sem tomar banho, sem fazer a barba, sem preparação.

Sou o oposto do antigo Manfred.

Ele nunca se apresentaria ao trabalho assim.

O antigo Manfred usava camisas engomadas e um blazer com colete. Trazia um lenço de seda no bolso do peito e cheirava intensamente a perfume.

Calçava sapatos italianos de pele de bezerro, impecavelmente engraxados, e usava um *Rolex* exclusivo, mas discreto, dos anos 50.

Mas o antigo Manfred desapareceu.

— Vamos? — diz a Malin, encaminhando-se para a entrada.

A médica-legista, Samira Khan, abraça-me ao encontrar-nos na receção. O corpo é tão pequeno e delicado que podia pertencer a uma criança. A trança longa e brilhante repousa-lhe pesadamente entre as omoplatas.

— Estás tão magro — diz, apertando-me o antebraço. E depois, em voz mais baixa: — Como é que ela está?

— Mantêm-na sedada.

A Samira assente com a cabeça, alisando o tecido das batas verdes de cirurgia.

— É para o cérebro poder sarar em paz — diz, num tom prático. — Olha, nesta idade as crianças têm uma capacidade de recuperação incrível. E o cérebro é capaz de compensar a perda de função de uma forma surpreendente.

Anuo. Já ouvi isto tudo antes.

Avançamos pelo corredor em direção às salas de autópsia.

— Acham que sabem quem é o homem morto? — pergunta a Samira, olhando para a Malin.

— Achamos que pode ser um tal de Johannes Ahonen — diz o Deico, empurrando um pouco de tabaco em pó para debaixo do lábio superior. — Mas essa conclusão baseia-se apenas no facto de o Ahonen ter uma tatuagem igual à que existe no corpo.

A Samira faz que sim com a cabeça e diz:

— Teremos de esperar pelo relatório do odontologista forense e pelos resultados de ADN para podermos fazer uma identificação definitiva.

Depois, abre a porta e dá-nos passagem. O cheiro inconfundível e sufocante da morte atinge-me e vejo a Malin fazer uma careta antes de entrar. O Deico, por outro lado, não altera a expressão nem um pouco ao atravessar a ombreira, sempre com as mãos nos bolsos.

— Vamos dar uma vista de olhos? — pergunta a Samira, pondo uns óculos e um avental de plástico, antes de nos conduzir até uma mesa de autópsia.

Sobre a superfície brilhante de aço inoxidável jaz o corpo de um homem. Está inchado e descolorido. A pele soltou-se em vários pontos e parece plástico cinzento-esverdeado, fino, frouxamente estendido sobre os tecidos inchados e esbranquiçados.

Talvez seja por estar emocionalmente instável — em situações normais não fico tão afetado ao ver mortos —, mas algo dentro de mim dá voltas quando me aproximo da mesa. É como se uma mão fria andasse à procura do meu coração, dentro do peito. Penso em como a Nadja poderá acabar um dia numa mesa como esta. E, logo a seguir, penso que o homem que ali está também é filho de alguém.

Fecho os olhos com força.

— Vamos fazer a autópsia esta tarde — diz a Samira, abrindo os dedos e estalando as luvas —, mas pensei que talvez quisessem ver antes. — E prossegue: — Como devem saber, o corpo foi encontrado embrulhado com cuidado num cobertor, que por sua vez estava preso com uma corrente de ferro. Quando os tecidos se decompõem, formam-se gases no abdómen e no tórax, incluindo metano e dióxido de carbono. É por isso que os corpos afogados costumam vir à superfície. Neste caso, é óbvio que o corpo foi atirado para a água deliberadamente e que alguém tentou impedir que voltasse à tona. Mas isso não quer dizer automaticamente que tenha sido assassinado. Só posso pronunciar-me quanto à causa da morte depois da autópsia. O que posso dizer é que o corpo foi submetido a um trauma externo violento e que tem fraturas e contusões nas duas pernas, na bacia e nas costas.

— E cortaram-lhe uma mão — diz a Malin, com um aceno de cabeça em direção ao corpo, que não tinha a mão esquerda.

— Não é certo — responde a Samira. — As mãos e os pés tendem a soltar-se em corpos que estão muito tempo dentro de água. Pode acontecer espontaneamente, por ação de animais ou outro tipo de dano mecânico, por exemplo, uma hélice de barco.

O Deico assente com a cabeça e franze as suas espessas sobrancelhas.

— O que é aquela substância branca? — pergunta a Malin.

A Samira passa um dedo pela substância cerosa que cobre partes do corpo. Depois esfrega os dedos um no outro.

— Adipocera, ou cera cadavérica. Forma-se pela hidrólise da gordura quando o corpo está muito tempo em água fria.

— Meu Deus — murmura a Malin, a contorcer-se ligeiramente, mas cala-se ao ver a expressão do Deico.

— Quando é que ele morreu? — pergunta o Deico, a tomar notas no bloco.

— Depois dou-vos essa informação — diz a Samira, hesitante. — Há muitos fatores que influenciam a velocidade com que um corpo se decompõe na água: temperatura, salinidade, teor de oxigénio, só para citar alguns. Mas, numa estimativa preliminar, diria entre um e dois meses. A cera demora algumas semanas a formar-se.

— E a razão por que achamos que é o Johannes...

— Ahonen — completa o Deico.

A Samira levanta um antebraço, revelando uma zona da pele mais escura.

— Vejam aqui — diz.

O Deico inclina-se. A Malin faz o mesmo, mas vejo que está com os olhos postos na porta e o rosto mais pálido do que o costume.

— Uma tatuagem? — pergunto.

— Sim — diz a Samira.

— Mal se percebe o que é — comenta a Malin.

— Não tens olhos? — resmunga o Deico, ainda curvado sobre o corpo, a esfregar o nariz com o polegar e o indicador. — É um pássaro.

A Samira acena afirmativamente.

— É uma águia. Provavelmente uma águia-rabalva, mas também pode ser uma águia-real. São parecidas. Ao que parece, o Johannes Ahonen tem uma tatuagem assim.

Ela vai até à secretária, tira as luvas e atira-as para um balde amarelo com a etiqueta RESÍDUOS PERIGOSOS. Depois folheia uma pasta de papéis.

— Aqui — diz, voltando com uma pilha de fotografias que me entrega.

Na primeira imagem vê-se uma tatuagem de uma águia com o característico bico curvo e as asas voltadas para trás, como se estivesse prestes a aterrar ou a apanhar uma presa com as garras. A outra mostra um corpo embrulhado num cobertor axadrezado. À volta do cobertor corre uma corrente pesada e enferrujada. Aqui e ali, pendurado nos elos de metal, vê-se um pouco de algas.

— A imagem da tatuagem é uma ampliação de uma foto de perfil do Ahonen no Facebook — esclarece a Samira.

— Hoje em dia as tatuagens são como os cus — resmunga o Deico, empinando o queixo de modo a tornar a barba ainda mais saliente. — Qualquer desgraçado tem uma. Quem é que sabe quantos têm este passarinho no braço?

— Sem dúvida — responde a Samira. — Isso cabe-vos a vocês descobrir. Podem ficar com as fotografias. Imprimi-as para vo-las dar.

— O que sabemos sobre o Ahonen? — pergunto.

— É de Haninge — diz a Malin. — Tem 20 anos. A mãe deu-o como desaparecido em março. Já foi condenado por posse ilegal de armas, posse de droga e roubo. O motivo por que estamos aqui hoje é que ele apareceu na investigação do Igor Ivanov, um cidadão sueco de 30 anos, nascido em Kiev, na Ucrânia, e residente em Älvsjö. Acredita-se que controla grande parte do tráfico de

droga do sul da cidade. Ao que parece, é uma espécie de lenda. Nunca conseguimos incriminá-lo de nada, apesar dos rumores de que dirige a organização com mão de ferro e chegou mesmo a matar uns tipos que o aldrabaram. Mas isso, claro, pode ser treta.

Solto um assobio baixo.

— *Igor Ivanov*. Quem diria...

Ao mesmo tempo, a Malin leva a mão à boca, vira costas e sai a correr da sala.

— Ah — diz a Samira, lançando-me um olhar rápido e indo atrás dela.

O Deico olha para mim e empurra os óculos para cima com o dedo indicador.

— Estava a ver quanto tempo ia demorar — diz, com um ar triunfante mal disfarçado. — Onde é que os vão buscar, os investigadores que nos mandam hoje em dia? Mulheres grávidas que estão a um piscar de olhos do parto talvez não devessem lidar com autópsias.

Quando Samuel, de 18 anos, se vê no centro de um negócio de drogas que correu mal, é forçado a fugir da polícia e de um perigoso traficante. Procurando esconderijo numa cidade pacata no arquipélago de Estocolmo, aceita um emprego como assistente pessoal de um rapaz com uma lesão cerebral. Só que assim que Samuel se muda para o lar da bela Rachel e do seu filho Jonas, uma casa isolada à beira-mar, depressa percebe que algo de estranho se passa e que nada é o que parece... Enquanto isso, corpos de jovens dão à costa nas praias do arquipélago, e o investigador Manfred Olsson teme que haja um assassino em série à solta.

Num cenário de verão escaldante, os personagens imperfeitos de Camilla Grebe ganham vida, enquanto uma história arrepiante se desenrola para revelar o mal que espreita nos ambientes mais serenos.

«Camilla Grebe demonstra a contínua criatividade da ficção policial escandinava numa trama de uma originalidade estonteante.»

THE SUNDAY TIMES

Da mesma autora:



Penguin
Random House
Grupo Editorial

www.penguinlivros.pt

@ topseller.suma

penguinlivros

ISBN: 978-989-583-934-6



9 789895 839346